

A viagem de Cayetano Córdova Iturburu à Espanha (1937): engajamento e antifascismo

The journey of Cayetano Córdova Iturburu to Spain (1937):
political engagement and anti-fascism.

Douglas de Freitas Pereira*

Resumo: Este artigo se propõe a analisar a viagem de Cayetano Córdova Iturburu à Espanha em 1937. O escritor argentino, que ainda é pouco estudado pela historiografia, fez parte do movimento de intelectuais antifascistas da Argentina representado principalmente pela Associação de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores (AIAPE) e atuou como militante filiado ao Partido Comunista Argentino. Em 1937 ele viajou para Espanha para cobrir a Guerra Civil como correspondente do *Diário Crítica*, jornal argentino de grande circulação. Como fruto dessa viagem, foi publicado *España bajo el comando del pueblo*, livro no qual relata a sua experiência no país ibérico. Assim, a partir da análise desse livro e da participação de Córdova Iturburu no II Congresso de Intelectuais para a Defesa da Cultura, este artigo tem por objetivo analisar o engajamento antifascista do escritor argentino e também a sua participação na Guerra Civil Espanhola.

Palavras-chave: Cayetano Córdova Iturburu; Relatos de Viagem; Engajamento Antifascista; Guerra Civil Espanhola.

Abstract: This article aims to analyze the trip of Cayetano Córdova Iturburu to Spain in 1937. The Argentinian writer, still understudied by historiography, was part of the movement of anti-fascist intellectuals from Argentina represented mainly by the Association of Intellectuals, Artists, Journalists and Writers (AIAPE) and served as a militant affiliated with the Argentinian Communist Party. In 1937 he traveled to Spain to cover the Civil War as a correspondent for the *Diario Crítica*, a wide circulation Argentinian newspaper. As a result of this trip, the publicist writes *España bajo el comando del pueblo*, a book in which he recounts his experience in the Iberian country. Thus, based on the analysis of this book and Córdova Iturburu's participation in the II Congress of Intellectuals for the Defense of Culture, this article aims to analyze the anti-fascist engagement of the Argentinian writer and also his participation in the Spanish Civil War.

Keys words: Cayetano Córdova Iturburu, Travel Reports; Anti-fascist Engagement; Spanish Civil War.

Recibido: 6 febrero 2020 Aceptado: 23 mayo 2020

* Brasileiro. Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Este artigo é um dos resultados da pesquisa realizada durante o mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), sob o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: douglasfreitas77@gmail.com



Introdução

A Guerra Civil Espanhola, ocorrida entre os anos de 1936 e 1939, mobilizou pessoas de diversas partes do mundo e de diferentes correntes ideológicas para a causa antifascista e a defesa da manutenção da república na Espanha. Também se juntaram à causa diversos intelectuais, a exemplo de Ernest Hemingway, George Orwell, Simone Weill, André Malraux, para citar alguns nomes. Além do apoio e colaboração com as Brigadas Internacionais, muitos intelectuais se dirigiram à Espanha para participarem do II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, realizado em julho de 1937. Delegações de diversos países participaram desse evento¹. Os países latino-americanos que enviaram representantes foram: Argentina, Chile, Costa Rica, Cuba, México e Peru. A delegação argentina era composta por Raúl González Tuñón, Pablo Rojas Paz e Cayetano Córdova Iturburu. Este último, que se encontrava em Espanha desde março do mesmo ano, atuando como correspondente do *Diario Crítica*, jornal de grande circulação na Argentina, publicou em 1938 o livro *España bajo el comando del pueblo*², uma espécie de relato de sua viagem ao país ibérico, no qual narra sua experiência na guerra. Este artigo tem por objetivo, explorar a estadia de Córdova Iturburu na Espanha durante a Guerra Civil a partir de seu relato exposto no livro citado e também em sua participação no II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura. Acreditamos que por meio de suas observações seja possível não apenas remontar parte da história do conflito espanhol dentro de uma perspectiva antifascista, como também demonstrar que o escritor argentino se caracterizava como um “intelectual em guerra”, algo que iremos explorar mais à frente.

Cayetano Córdova Iturburu nasceu em Buenos Aires no dia 16 de fevereiro de 1899³. Filho de Antonio Córdova, advogado e juiz de paz em *Concepción del Uruguay*, e María Luisa Iturburu del Valle, descendente de uma família tradicional do Paraguai. Tinha também um irmão, Manuel, sobre quem não encontramos muitas informações. Com apenas dois anos, o escritor ficou órfão de mãe e passou a ser criado pela tia, Olívia Córdova, a quem homenageou na dedicatória de seu primeiro livro: “Olivia B. Córdova: porque foi como minha mãe, escrevo teu nome neste livro que dedico à memória de Andrés

¹ A lista de participantes por países é formada por, *Alemanha*: Theodor Balk, Willi Bredel, Leon Feuchtwanger, Max Hodann, Egon Erwin Kisch, Paul Ludwig Landsberg, Hans Marchwitza, Ludwig Renn, Anna Seghers, Kurt Stern, Bodo Uhse, María Osten, Erich Weinert, Hans Kahle. *Argélia*: Loukol Youcef. *Argentina*: Cayetano Córdova Iturburu, Raúl González Tuñón e Pablo Rojas Paz. *Austria*: Julius Deutsch, Oskar Maria Graf. *Bélgica*: Frans Hellens, Denis Marion. *Bulgária*: Maria Goulichech Kristu Beleff, Ludmil Stoyanoff. *Catalunya*: Pompeu Fabra, Emili Mira, Jaume Serra Hünter. *Costa Rica*: Vicente Sáenz. *Cuba*: Alejo Carpentier, Leonardo Fernández Sánchez, Nicolás Guillén, Juan Marinello, Félix Pita Rodríguez. *Checoslováquia*: Jaroslav Kratochvíl, Emmanuel Lesehrad, Laco Nomeski. *Chile*: Vicente Huidobro, Pablo Neruda, Alberto Romero. *China*: Se-U Ring Hai. *Dinamarca*: Ljgard Lund, Martin Andersen Nexø. *Espanha*: Rafael Alberti, Julio Álvarez del Vayo, Ricardo Baeza, Jacinto Benavente, José Bergamín, Corpus Barga, Tomás Navarro, León Felipe, María Teresa León, Margarida Nelken, Antonio Machado. *Estados Unidos da América*: Malcolm Cowley, Louis Fischer e Anna Louise Strong. *França*: Claude Aveline, Julien Benda, René Blech, André Chamson, Georges Duthuit, André Malraux, Léon Moussignac, Georges Pillement, Tristan Tzara. *Grécia*: Lilika Nakos. *Holanda*: Fles Bartoud, J. Brouwer, Jef Last, Nico Rost. *Inglaterra*: Wystan Hugh Auden, Valentine Ackland, Lascelles Abercrombie, Doris R. Bark, Ralph Bates, John y Rosamund Lehman, Frank Pitcairn, Edgell Rickword, John Sherwood, Hugh Slater, Stephen Spender, John Strackey, Silvia Townsend Warner. *Islândia*: Franzson. *Itália*: Ambrogio Donini, Niccola Potenza. *México*: Juan de la Cabada, José Chávez Morado, Fernando Gamboa, José Mancisidor, Gabriel Lucio, Carlos Pellicer, Octavio Paz, Silvestre Revueltas, Blanca Lydia Trejo. *Noruega*: Lise Linbaeck, Nordahl Grieg. *Peru*: César Vallejo. *Portugal*: Jaime Cortesão, Gonzalo de Reparaz. *Romênia*: Nicolais. *Rússia*: Agnia Lovovna Bartó, Ilya Ehrenburg, Fedin Alejandro Fadeiev, Victor Fink, Feedor Kelyin, Mikhail Koltzov, Iva Mikitenko, Rolyñ Vladimir Stavski, Alexis Tolstoi, Vsevolod Vishnervsky. *Suécia*: Erik Blomberg. *Suíça*: Charles F. Vaucher e Hans Muhlenstein. Ver em: Luis Mario SCHNEIDER, *II congreso internacional de Escritores para la defensa de la cultura (1937). Inteligencia y Guerra Civil Española*, vol. I, València, Generalitat Valenciana, 1987, p. 59-60.

² Cayetano Córdova Iturburu, *España bajo el comando del pueblo*, Buenos Aires, Ediciones Foare, 1938.

³ Por algum motivo desconhecido, Córdova Iturburu costumava mentir sobre o ano de seu nascimento e afirmava quase sempre ter nascido em 1902.

Clapa²⁴. O escritor argentino foi casado com Carmen de la Serna, tia de Ernesto “Che” Guevara. No decorrer da sua vida, Córdova Iturburu atuou como poeta, crítico de arte, ensaísta, jornalista, docente e militou em prol do comunismo. Faleceu em 25 de abril de 1977, deixando uma vasta obra, sobretudo para o campo da crítica artística, até então pouco explorada⁵.

Sua trajetória intelectual se iniciou na década de 1920, quando Córdova Iturburu publicou *El árbol, el pájaro y la fuente* e participou do movimento vanguardista de *Martín Fierro*, ao lado de nomes como Jorge Luis Borges e Raúl González Tuñón. Entretanto, é na década de 1930 que ele demonstrou maior politização e engajamento, sobretudo por ter se filiado ao Partido Comunista Argentino em 1934 e ter atuado ativamente na causa antifascista, tendo como ápice desse seu compromisso político sua viagem para a Espanha que ele deixou registrada no livro supracitado.

Esse engajamento antifascista de Córdova Iturburu era diretamente ligado à sua militância comunista. Na Argentina, segundo Adriana Petra, os intelectuais e artistas buscaram maior aproximação com o comunismo com o intuito de defender a cultura, mesmo a liberal, o que levou a criação de uma “densa rede de revistas de esquerda de vocação independente”⁶. Córdova Iturburu estava, naturalmente, inserido dentro dessa rede vindo a participar de algumas publicações, como *Nueva Revista e Contra: la revista de los francotiradores*. Sua participação em *Contra* revela características de sua militância, pois, como destaca Adriana Petra, aquela não se tratava de uma revista marxista convencional, mas de uma publicação voltada para a “cultura comunista, proletária e revolucionária” e que foi classificada pelos intelectuais católicos da revista *Criterio* como: “una revista de militancia bolchevique cuyos redactores, sin embargo, prácticamente no conocían el comunismo”⁷. A revista buscou conciliar estética e ideologia, politizando a arte e a transformando em ferramenta política, o que foi reiterado por Córdova Iturburu algumas vezes. Exemplo disso foi a maneira como reagiu a resposta dada por Jorge Luis Borges quando foi questionado se a arte deveria se voltar para as questões sociais, Córdova Iturburu não concordava com Borges que acreditava que a arte não deveria estar a serviço da política ao afirmar que “hablar de arte social es como hablar de geometría vegetariana o de artillería liberal o de respostería endecasílaba”⁸. Para Córdova Iturburu, tais palavras não eram mais que uma tentativa de humorismo barato e desviavam a importância de os intelectuais e artistas se posicionarem como o momento pedía⁹.

A mobilização antifascista dos intelectuais argentinos se voltou principalmente para Associação de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores (AIAPE)¹⁰. Fundada em 1935 por Aníbal Ponce¹¹, que retornava da França onde teve contato com Henri Barbusse, um dos grandes nomes da intelectualidade francesa ligada ao Partido Comunista. A associação também contou na sua fundação com nomes como

⁴ Cayetano Córdova Iturburu, *El árbol, el pájaro y la fuente*, Buenos Aires, Atlántida, 1954, n/p.

⁵ Todas as informações de cunho biográfico até aqui apresentadas foram retiradas do verbete sobre Córdova Iturburu no dicionário biográfico da esquerda argentina. Ver em: Horacio Tarcus (dir.), *Diccionario biográfico de la izquierda argentina. De los anarquistas a la “nueva izquierda” 1870-1976*, Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 152-153.

⁶ Adriana Petra. Revolução e Guerra. Formas de compromisso e trajetórias intelectuais na conformação de um espaço cultural comunista na Argentina (1920-1935). *Perseu*, nº 9, ano 7, p. 11-45, 2013, p. 12.

⁷ Adriana Petra. *Intelectuales y cultura comunista. Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017, p. 56.

⁸ Jorge Luis Borges. Arte, arte puro, arte propaganda..., *Contra: la revista de los francotiradores*, Buenos Aires, año 1, nº 3, julio de 1933, p. 13.

⁹ Cayetano Córdova Iturburu. Arte, arte puro, arte propaganda..., *Contra: la revista de los francotiradores*, Buenos Aires, año 1, nº 4, agosto de 1933.

¹⁰ A AIAPE possuía “filiais” em diversas províncias argentinas, como Paraná, Rosário, Tucumán, Corrientes, Tandil, dentre outras. Também existiu uma associação independente de mesmo nome no Uruguai. Ver em: Ângela Meirelles de Oliveira, *Palabras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*, São Paulo, Alameda, 2015.

¹¹ Aníbal Ponce era um intelectual e amigo que Córdova Iturburu admirava, vindo a homenageá-lo no livro *Cuatro Perfiles y otras notas*, publicado em 1941. Nele, o autor ressalta como Ponce conseguia segurar os ímpetus dos intelectuais mais jovens dentro da AIAPE, além de dar a ele contornos de um tipo ideal (ou idealizado) de intelectual antifascista. Ver em: Cayetano Córdova Iturburu, *Cuatro perfiles y otras notas*, Buenos Aires, Editorial Problemas, 1941.

Raúl Lara, Emilio Troise, Alberto Gerchunoff, Cayetano Córdova Iturburu, Vicente Martínez Cuitiño e Rodolfo Puiggrós¹². A associação reuniu mais de 80 nomes e a sua principal pauta era a defesa da cultura. Nela, Córdova Iturburu ocupou cargos importantes como o de vice-diretor e também de secretário geral¹³. Ele também estava como um dos representantes da associação na Espanha durante a Guerra Civil e alguns de seus relatos de viagem foram publicados na revista da AIAPE¹⁴, *Unidad por la defensa de la cultura*¹⁵.

Os relatos de viagem são fontes bastante comuns tanto para os historiadores quanto para os literatos. Em ambos os casos é ressaltada a diversidade apresentada por essa tipologia de fonte, fazendo com que quase sempre ela seja caracterizada por seu hibridismo. Dentre os trabalhos que se ocuparam com análise dessas narrativas, destacamos a coletânea organizada por Glenn Hooper e Tim Youngs: *Perspectives on travel writing*, na qual os autores apontam para essa dificuldade de enquadrar os relatos de viagem em um único gênero narrativo. Entre as outras características apresentadas por esses relatos, os autores destacam a dificuldade de se comprovar a veracidade dos relatos¹⁶. Ainda nessa coletânea, Jan Borm destaca a variedade de termos usados para descrever os relatos de viagem como “livro de viagem”, “narrativa de viagem”, “livro de memórias de viagem”, “diário de viagem” entre outros¹⁷. O autor ainda chama atenção para o fato de que, historicamente, os relatos de viagem eram lidos tanto para entretenimento e diversão quanto para instrução, como fontes de conhecimento¹⁸. Nessa perspectiva, o livro de Córdova Iturburu que iremos analisar mais à frente, buscou servir como fonte de conhecimento sobre a Guerra Civil Espanhola e também de propaganda do antifascismo.

Mary Anne Junqueira ressalta o caráter ímpar de cada relato, uma vez que cada viagem é única. Segundo ela, entre os relatos mais comuns estão os oficiais, os científicos e os pessoais, entretanto, todos esses tipos podem se misturar, apresentando características uns dos outros¹⁹. Partindo da coletânea supracitada e também em outra organizada por Tim Youngs e Peter Hulme, intitulada: *The Cambridge companion to travel writing*, a autora elenca cinco pontos característicos desses relatos: 1) “os relatos de viagem operam com noções variadas de mudanças e transições”. 2) “todo relato pressupõe um leitor”, nesse caso, a autora ressalta que esse leitor pode ser apenas o próprio escritor do relato. 3) independente do texto ter sido escrito durante a viagem ou anos após ela, ele continuará sendo considerado um relato de viagem. 4) os relatos de viagem são textos mobilizadores que podem inspirar outras jornadas. 5) nesse

¹² Adriana Petra. *Intelectuales y cultura comunista. Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017, 58.

¹³ James Cane, ““Unity for the Defense of Culture”: The AIAPE and the Cultural Politics of Argentine Antifascism, 1935-1943”, *The Hispanic American Historical Review*, nº 3, v. 77, 1997, 443-482.

¹⁴ Os textos que fazem parte do livro e que foram publicados em *Unidad por la defensa de la cultura* foram, respectivamente: *Adiós a Gerda Taro*, año 2, nº2, septiembre de 1937; *La crueldad inútil*, año 2, nº 3-4, octubre-noviembre de 1937 e *La lección sobre la tierra*, año 2, nº 5, enero de 1938.

¹⁵ Para uma análise mais complete e aprofundada da associação e de sua publicação ver: Ângela Meirelles de Oliveira, *Palabras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*, São Paulo, Alameda, 2015; James Cane, ““Unity for the Defense of Culture”: The AIAPE and the Cultural Politics of Argentine Antifascism, 1935-1943”, *The Hispanic American Historical Review*, nº 3, v. 77, 1997, 443-482; Adrián Celentano, Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. *Literatura y lingüística*, nº 17, 2006, 195-218; e Ricardo Pasolini, Scribere in eos qui possunt proscibere. Consideraciones sobre intelectuales y prensa antifascista en Buenos Aires y Paris durante el período de entreguerras, *Prismas, Revista de história intelectual*, nº 12, 2008, 87-108.

¹⁶ Glenn Hooper and Tim Youngs, “Introduction”, *Perspectives on travel writing*, Glenn Hooper and Tim Youngs (eds), *England*, Ashgate, 2004, 1-11.

¹⁷ Jan Borm, “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology”, Glenn Hooper and Tim Youngs (eds), *Perspectives on travel writing*, 13-26, *England*, Ashgate, 2004, 13.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Mary Anne Junqueira, “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador”, Mary Anne Junqueira e Stella Maris S Franco (org.), *Cadernos de seminários de pesquisa volume II*, São Paulo, Humanitas, 2011, 44-61.

ponto, a autora trata a veracidade dos relatos, uma vez que se constituíam como gênero narrativo popular, podiam ser escritos por pessoas que nunca saíram de suas cidades, colocando em xeque as informações nele dispostas²⁰.

Já Kátia Gerab Baggio (2008), ao analisar os relatos de viajantes brasileiros sobre a Argentina no início do século XX, chama atenção para a questão da alteridade estimulada pelas viagens. Baseando-se nas obras de François Hartog, *O espelho de Heródoto* e *Memória de Ulisses*, Baggio afirma que uma das funções dos relatos de viagem é a de “traduzir” o outro, muitas vezes desconhecido, para o seu público. Os escritores desses relatos geralmente utilizam recursos narrativos que demonstrem a sua experiência como “eu vi”, ou “eu percorri”. Outra dimensão tratada pela autora é a importância dessas narrativas para a circulação de ideias e para a construção de visões distintas sobre outros lugares. Por se tratar de um texto sobre viajantes no século XX, a autora ainda atribui um peso especial aos relatos feitos por jornalistas que, segundo ela, revelariam aquilo que chamou de “imaginário coletivo” ou pelo menos o que se pretende construir como tal²¹.

Todas essas características demonstradas até aqui nos ajudam a compreender o relato de viagem de Cayetano Córdova Iturburu sobre sua estadia na Espanha. A exemplo do que já foi comentado, seu livro apresenta reflexões não apenas sobre as suas observações, mas também de conversas e leituras de periódicos locais, como veremos mais à frente. Também o fato de boa parte dos textos que compõem o livro terem sido escritos para serem publicados em jornais, uma vez que o escritor foi à Espanha como correspondente jornalístico, reafirma essa peculiaridade dos relatos feitos por jornalistas apontada por Baggio²².

O livro de Córdova Iturburu possui características propagandísticas para a causa antifascista, sendo, dessa maneira, uma fonte interessante para a análise desse movimento na Argentina e também das conexões feitas pelos intelectuais, sobretudo na Espanha. O escritor era filiado ao Partido Comunista Argentino desde 1934 e no mesmo período também teve papel relevante na causa antifascista na Argentina, sobretudo dentro da AIAPE, como dito anteriormente. Nesse sentido, o relato de Córdova Iturburu demonstra que o antifascismo argentino, principalmente entre os anos 1936 e 1939, estava diretamente relacionado aos ocorridos na Espanha. A solidariedade, a empatia e a preocupação com o futuro do país ibérico estão presentes não apenas nos escritos aqui analisados, mas são comuns a quase todas produções dos intelectuais que, de alguma forma, se comoveram e se pronunciaram a respeito do conflito espanhol²³.

España bajo el comando del pueblo

O livro *España bajo el comando del pueblo* foi publicado em 1938, em Buenos Aires pela Ediciones Foare, com 21 capítulos. O livro narra a viagem do escritor portenho desde sua partida de Buenos Aires, passando pelas primeiras impressões ao chegar na Espanha, sua relação com outros intelectuais, suas experiências e observações nas Brigadas Internacionais. O escritor homenageia a fotógrafa Gerda Taro, que havia morrido em 26 de julho de 1937 enquanto cobria a Guerra Civil, e encerra o livro com uma exaltação aos poemas inspirados pela guerra. Córdova Iturburu inicia seu livro dedicando-o a alguns dos

²⁰ Ibid. 47-51.

²¹ Kátia Gerab Baggio, “Dos trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX”, *História Revista*, nº 2, v. 13, Goiânia, 2008, 425-445.

²² Idem.

²³ Podemos citar como exemplo as manifestações dos poetas chilenos como Pablo Neruda e Vicente Huidobro, do peruano César Vallejo, para mencionar apenas alguns. Além disso, era comum entre os intelectuais fazer referência à Espanha como “mãe”, a principal referência, nesse sentido, foi a publicação em 1936 do livro *Madre España*, que contou com a participação de diversos poetas chilenos como os dois citados anteriormente e também Pablo de Rokha, Blanca Luz Brum, Rosamel del Valle, dentre outros. Ver em: Vicente Huidobro, et al, *Madre España*, Santiago, Panorama, 1936.

intelectuais com quem conviveu durante os seis meses que esteve no país ibérico, sendo eles: Jef Last, Milán Jorancie, Miguel Hernández, José Herera Petere e Antoñito Aparicio, a quem ele denomina como “*poetas combatientes*”. Dedicou também ao piloto Luis Tuya, que ele destaca como “piloto caído na frente do Norte”²⁴.

Ainda no início do livro, o escritor já adverte seus leitores de que não se tratava de ficção e sim de relatos daquilo que ele presenciou e viveu durante os seis meses em que esteve no país ibérico e remete, assim, a algumas das características apontadas anteriormente como comuns aos relatos de viagem. Chama atenção o fato dele se considerar não um espectador, mas um combatente, indicando, assim, o seu compromisso político e engajamento com a causa antifascista:

No es este un libro de literatura. Ni un helado libro expositivo. Es el testimonio de un hombre que, a través de seis meses de permanencia en España, no ha escuchado, sólo, las sugerencias de su sensibilidad y de su fantasía. Fui a España convencido de la justicia de la causa de su pueblo. He vuelto más convencido todavía. En el doloroso pleito entablado entre el pueblo de España y los invasores de su suelo y los que han abierto las puertas a esos invasores, no soy un espectador. Soy un combatiente. Este libro aspira a ser un alegato. Pero un alegato en el que la pasión y el entusiasmo se recatan en la firme voluntad de comprender y expresar con serena objetividad el resultado de mis inquisiciones. He creído que mi deber consistía en recoger un panorama estricto para ofrecerlo a mis compatriotas en prueba de la justicia de la causa de España y en testimonio de la grandeza de su sacrificio. No sé si lo he logrado. Seguramente no lo he logrado. No se me escapan las debilidades y las omisiones de este libro incompleto. Pude recoger, sin duda, mayor y más rico material. Pero es difícil, hoy, atravesar España con la cabeza fría. Hay muchas cosas en España que golpean el corazón de un hombre y le nublan los ojos. Yo vacile muchas veces frente al dilema que mis impulsos me planteaban. No sabía si mi deber consistía en quedarme allá para correr con el pueblo de España la suerte de la República o volver a mi tierra para contribuir con mi voz en la tenaz labor de su defensa²⁵.

Essa passagem é reveladora também da forma como Córdova Iturburu via seu papel dentro do conflito espanhol, diante do dilema de seguir no país, lutando com os republicanos espanhóis, ou voltar à Argentina para divulgar seus escritos sobre a guerra, no qual o autor escolhe a segunda opção. Essa escolha remete, de alguma forma, ao próprio campo de ação do intelectual que segundo François Sirinelli “é, em essência, o domínio do metapolítico (os confrontos ideológicos) mais que do político (as disputas eleitorais, sobretudo)”²⁶. Nesse sentido, o autor faz questão de ressaltar que aquele era um conflito entre “o povo espanhol e o fascismo internacional”²⁷, divulgando a importância e amplitude da guerra. Partindo-se da discussão sobre relatos de viagem que apresentamos anteriormente, percebemos que o autor, como geralmente acontece, busca atribuir ao seu relato certa objetividade e precisão em relação aos acontecimentos da guerra, uma vez que são frutos de seu próprio testemunho, o que, por si só, na perspectiva do escritor, conferiria credibilidade aos seus escritos. Por se tratar de um autor comunista, podemos inferir que seu livro tinha um público alvo específico, no caso, militantes e apoiadores da causa antifascista que encontravam nele certo otimismo para a sua causa e o reconhecimento do valor de sua luta.

²⁴ Iturburu, op. cit., n/p.

²⁵ Ibid. 7-8.

²⁶ François Sirinelli, “Os intelectuais”, René Rémond (Org.), *Por uma história política*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ e FGV, 1996, 261.

²⁷ Iturburu, op. cit., 8.

Córdoba Iturburu começa narrando sua viagem a bordo do navio Florida em fevereiro de 1937. O navio passou pelo Brasil nas cidades de Santos e também pelo Rio de Janeiro. Alguns dos tripulantes que o escritor identifica como “*marinos del San Antonio*” foram barrados no porto de Santos e interrogados pelas autoridades no Rio de Janeiro²⁸. Outra cidade na qual a embarcação passou foi Dakar, no Senegal que, dentre outras coisas, ele destaca a presença dos soldados colonizadores franceses que descreveu trajando quepes azuis e uniformes de cor cáqui. A parada seguinte foi em Gibraltar, que o escritor caracterizou como “lamentável”, pois a cidade estaria “às portas da guerra”²⁹. De lá, rumaram para Tânger onde o clima de guerra já era perceptível. No relato do autor, aparece também a imagem de uma Espanha “mártir” e “crucificada” na luta contra o fascismo internacional³⁰.

Já em Barcelona, no dia 18 de março do mesmo ano, Córdoba Iturburu relata o medo dos bombardeios aéreos que assolava a todos na cidade. Ele ressalta, porém, a coragem e a organização dos trabalhadores em compor as frentes antifascistas e destaca alguns símbolos que encontrou, como uma mulher que estava despedindo-se de um dos brigadistas erguendo o punho cerrado, enquanto ele seguia viagem junto de Córdoba Iturburu e de seus companheiros. No dia 25 de março, em Valência, o relato é de satisfação por estar presenciando aquele evento histórico que, segundo ele, despertava sentimentos que nunca havia sentido com relação à fraternidade humana³¹.

Um dos pontos principais para os intelectuais que foram até a Espanha e que refletiu esse sentimento de fraternidade e solidariedade com aquele país foi a participação nas Brigadas Internacionais. Esse movimento que inspirou escritores como André Malraux e também Ernest Hemingway, contou, segundo Jacques Delperrie de Bayac, com mais ou menos 35 mil combatentes³². Antony Beevor, por sua vez, matiza um pouco esses números afirmando que não há um consenso sobre o contingente exato, variando entre 32 e 35 mil combatentes³³. De qualquer forma, é inegável a relevância que tiveram as Brigadas Internacionais no conflito espanhol e o encanto que despertaram nos intelectuais antifascistas da época. Com Córdoba Iturburu isso não foi diferente. O autor atribuiu importância central a esse movimento em seus relatos. São diversas as passagens em que ele exalta a coragem desses combatentes, expondo também a precariedade na qual se encontravam, muitas vezes dormindo em camas improvisadas, com alimentação bastante regulada e frequentemente com pouca munição.

Uma das iniciativas das Brigadas Internacionais que ganhou destaque por parte do escritor argentino foi a de alfabetização. A Espanha, até a década de 1930, contava com um alto número de analfabetos, e com a mudança política da Monarquia para a República, em 1931, o governo republicano do primeiro biênio empreendeu uma série de medidas para promover a alfabetização, sobretudo nos campos. Políticas como a laicização do ensino, as *Missões Pedagógicas* e a *coeducación*³⁴ tinham por intuito ampliar o ensino, porém, sofreram bastante resistência por parte da população mais conservadora e católica que era contra o ensino laico e contra outras medidas adotadas por esse governo, levando à reação que elegeu um governo bastante reacionário no segundo biênio.

²⁸ Ibid., 19.

²⁹ Ibid., 21.

³⁰ Idem.

³¹ Ibid., 27-28.

³² Jacques D. Bayac, *Las brigadas intencionales*, Madrid, Ediciones Jucar, 1980.

³³ Antony Beevor, *La Guerra Civil Española*, Barcelona, Critica, 2005.

³⁴ Menos conhecida que as outras medidas educacionais aplicadas na Espanha durante a Segunda República, a *coeducación* tinha o intuito de promover a maior igualdade de gênero na formação, implicando não somente no fim das diferenças curriculares e no tratamento baseado no gênero, mas na adoção e integração de valores que eram tratados de maneira pejorativa por serem considerados femininos. Esther Cortada Andreu, *Escuela mixta y coeducación en Cataluña durante la 2ª República*, Madrid, Instituto de la Mujer, 1988, p. 97.

Córdoba Iturburu relata o esforço dos chefes das Brigadas para alfabetizar seus combatentes. O escritor cita como exemplo a *División Lister*, na qual a ordem geral era a de que em um mês não deveria existir nenhum analfabeto, o que, segundo o autor, foi cumprido:

Algunos hasta escribían artículos - ¡densos e inocentes artículos! – en los diarios murales de las brigadas. La incorporación de los quintos había arrojado la abrumadora proporción de un sesenta por ciento de analfabetos. Pero el poeta chileno Vicente Huidobro pudo relatarme esto que vio con sus ojos: un soldado de veinticinco años llorando sobre la primera carta que escribía en su vida. Una carta para su madre³⁵.

Destacamos, dessa passagem, a citação do relato de Huidobro, a mesma história é contada por Córdoba Iturburu em sua apresentação no II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, porém, como algo que ele mesmo havia presenciado³⁶. Naquele contexto, provavelmente, não seria muito difícil histórias como essa se repetirem. O apelo emocional contido nessas histórias servia também como uma espécie de propaganda dos ideais republicanos que representariam a cultura e a inteligência contra a barbárie fascista, uma vez que, como é sempre ressaltado pelo escritor argentino, na Espanha estava sendo travada a luta contra o fascismo mundial.

A rotina dos brigadistas estava, dessa forma, dividida em combater e estudar. Córdoba Iturburu diz que essa prática de incentivo aos estudos e, sobretudo, à leitura, levou a uma “crise de papel por excesso de consumo”, pois, livros que até então eram pouco vendidos passaram a desaparecer das prateleiras. Segundo ele, os brigadistas liam “literatura pura, literatura política, mucha poesía. Antonio Machado ha señalado con alegría que se lee mucha obra de imaginación. En doce días se agotó una edición de 50.000 ejemplares del ‘Romancero Gitano’ de Garcia Lorca”³⁷. Questionando a um vendedor de uma das livrarias sobre qual era o público que comprava esses livros, o escritor portenho recebe como resposta que tal público era composto por soldados republicanos e operários. Baseando-se nisso, ele diz que é algo explicável, pois apenas no mês de maio de 1937, 4302 soldados teriam aprendido a ler no exército republicano. Passagens como essa, mesmo que não correspondam à realidade, também servem como propaganda do compromisso do antifascismo com a promoção da educação e da cultura e estabelecem (ou tentam) uma maior aproximação dos intelectuais com o “povo”³⁸, remetendo, de certa forma, a ideia gramsciana de nacional-popular, isto é, a construção de um espaço simbólico de partilha de interesses por classes populares e burguesas visando a construção de alianças progressistas a partir de afinidades culturais e político-ideológicas³⁹.

Dentro dessa perspectiva cultural, os intelectuais também eram figuras relevantes. Para além da homenagem feita na dedicatória do livro que citamos anteriormente, Córdoba Iturburu dedica um

³⁵ Iturburu, op. cit. 96.

³⁶ Cayetano Córdoba Iturburu, “Discurso”, Manuel Aznar Soler y Luis Mario Schneider (eds.), *II Congreso Internacional de Escritores para la Defensa de la Cultura (1937) vol. 3, actas, ponencias, documentos y testimonios*, Valencia, Generalitat Valenciana, 1987, p. 73-78.

³⁷ Iturburu, op. cit., 97.

³⁸ Durante a Guerra Civil Espanhola era comum entre os intelectuais antifascistas a reivindicação de certa “identidade popular”, podemos citar como exemplo um texto do poeta espanhol Antonio Machado publicado no primeiro número da revista *Hora de España* em janeiro de 1937 no qual ele afirma que aquilo que ensinava com maior segurança era conhecimento que adquiriu com o povo. Da mesma forma, José Bergamín, que encabeçava tanto a associação de intelectuais antifascistas espanhola como o II congresso internacional de escritores para a defesa da cultura, defendia que nomes como Cervantes, Quevedo, Santa Teresa, Calderón e Lope representavam o pensamento popular espanhol, “fazendo do povo a palavra”. Ver em: Antonio Machado, Consejos, sentencias y donaires de Juan Mairena y de su maestro Abel Martín, *Hora de España*, nº1, enero de 1937, 7-12. e José Bergamín, Discurso no II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura, [Valencia 4 de julio de 1937], *Hora de España*, nº 8, agosto de 1937, 30-36.

³⁹ Marcos Napolitano, A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica, *Temáticas*. Campinas, nº 37/38, p. 25-56, jan./dez. 2011, 33.

capítulo inteiro a Jef Last, demonstrando grande admiração e respeito pelo poeta holandês, o que fica bastante explícito na maneira como o descreve:

Jef Last tiene los ojos azules e inocentes de los hombres del Norte. Es flaco y desgarbado. Y un poco encorvado. Viste los breeches de cuero y el espeso chaquetón del Ejército ceñido por el correaje que sostiene, a su derecha, la pistolera del arma reglamentaria. Una dulzura persuasiva tamiza, permanentemente, sus palabras. Una bondad infinita, una ternura contagiosa, resbala, cuando habla, de sus ojos, de su gesto, de su actitud. Camina delante de mí, guiándome, a campo traviesa, por las colinas empinadas y desordenadas de este bosque de encinas. Se apoya, al caminar, en una larga vara recogida en el camino. Miro sus pies, abiertos en ángulo obtuso al caminar, ceñido por los borceguíes militares. Lo veo cortar las flores. Lo veo detenerse, conmovido, con una delicadeza casi femenina, ante la hermosura de un árbol, ante la línea graciosa de una rama. Y me acuerdo de cosas que me han contado sus soldados. De su coraje sin vacilaciones, de su audacia encendida, de su valor indomable y contagioso en los combates⁴⁰.

Jef Last pareceu ser o modelo de intelectual engajado que Córdoba Iturburu encontrou na Guerra Civil Espanhola. Além de passagens elogiosas como a supracitada, o escritor argentino também ressalta a humildade do poeta holandês que dormia em cima da palha que simulava uma espécie de colchão, se recusando a viver melhor que os outros soldados. Ressalta também que ele era bastante querido pelos outros brigadistas, citando uma passagem na qual Last pede licença para recitar um poema na sua língua natal, que nenhum dos presentes entendia, e todos ficaram ouvindo por mais de cinco minutos, admirados. Tudo na maneira como o escritor argentino retratava o poeta holandês remetia à uma admiração muito grande.

A participação dos intelectuais na Guerra Civil Espanhola tem sido objeto de muitos estudos. No caso latino-americano, um trabalho recente da crítica literária Julia Miranda, intitulado *Frenética armonía: vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*, demonstra de maneira clara o impacto do conflito na intelectualidade argentina⁴¹. A autora entende a Guerra Civil Espanhola como uma “miniatura” do século XX, fazendo uma referência ao filósofo Alan Badiou e, assim, expõe toda a amplitude do conflito⁴². A escolha de poetas latino-americanos para desenvolver o seu estudo também traz à tona os ecos do conflito que tiveram forte reverberação no continente americano. Tudo isso, segundo a autora, gerou no campo cultural novas formas de cosmopolitismos diretamente ligados às convicções políticas e ideológicas que ela denominou como “cosmopolitismos de guerra”⁴³. Essa relação entre cultura e política estabelecida naquele momento gera o que consideramos ser uma das principais colaborações do trabalho da autora para a história dos intelectuais, isto é, a categorização de “intelectuais em guerra”.

A concepção de “intelectual em guerra” pressupõe não apenas a participação do intelectual presente dentro do território geográfico onde o conflito estava ocorrendo e no período em que ele ocorreu. Segundo a autora, podem ser considerados “intelectuais em guerra” também aqueles que não participaram e nem estiveram no local do conflito quando ele aconteceu, mas todos aqueles que se mobilizam em relação ao acontecimento. Assim, para ela, eram intelectuais em guerra Pablo Neruda, que estava em Espanha naquele momento e também Manuel Bandeira, que não esteve no país ibérico durante

⁴⁰ Ibid., 48.

⁴¹ Julia Miranda, *Frenética armonía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*, Rosario, Beatriz Viterbo, 2016.

⁴² Ivan Matucci Forneron, “Julia Miranda. Frenética Armonía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española”, *Caracol*, n° 14, jul./dez., São Paulo, 2017, 443.

⁴³ Miranda, op. cit., 21-22.

a guerra e nem publicou nada a respeito entre 1936 e 1939, mas o fez anos depois⁴⁴. Nas palavras da própria Julia Miranda:

[...] con la guerra española se inició la renovación de las representaciones tradicionales del escritor con preocupaciones cívicas y políticas en Latinoamérica, proveyendo de nuevas imágenes intensamente productivas para el restante siglo XX. El intelectual *en la guerra* (en esta guerra) se define en función no ya de ser el rector y guía aristocrático del espíritu (tal fue la tarea del *clerc* tradicional, cercano por sus funciones al mundo religioso – *La trahison des clercs* se denomina el libro emblemático de Julien Benda -), sino que se define ante todo como escritor, pero un escritor que recoge testimonio de lo sucedido al tiempo que acompaña los grandes movimientos sociales y les otorga voz. También fueron numerosos los escritores europeos que se decidieron a escribir y dar testimonio y redefinieron la *función del intelectual*. No fue un fenómeno aislado ni fue determinado solamente por la militancia (que de este modo explicaría todo, hasta la forma de la escritura) ni tampoco la experiencia vivida de la guerra (lo cual estaría respondiendo a la biografía) sino que los escritores formaron parte de una nueva *estructura de sentimiento* (en términos de Raymond Williams) que se articuló por la guerra, vale decir, se produjo un movimiento en la cultura determinado por una presencia importante de intelectuales y sus escrituras⁴⁵.

Partindo-se dessa categorização, podemos pensar também outra categoria, no caso, “intelectuais *na guerra*”, para nos referirmos apenas aqueles que atuaram diretamente no conflito espanhol ou para pensarmos a atuação feita dentro desse recorte geográfico e temporal. Nesse sentido, a atuação de Jef Last, seja como intelectual *em guerra*, seja como intelectual *na guerra*, é reveladora de diversas camadas do engajamento. Isto é, ele atua tanto no que poderíamos chamar de um “engajamento convencional”, auxiliando a alfabetização de brigadistas analfabetos ou participando de eventos como o II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, atividades diretamente ligadas aos intelectuais; como, também, leva esse engajamento ao extremo quando pega uma arma e vai lutar nas trincheiras das linhas de frente. Cabe ressaltar que, mesmo o intelectual que não chega ao que chamamos de “engajamento extremo”, quando comparado com outros intelectuais em contextos ordinários, seu engajamento tem um peso maior, pois, a situação de guerra faz com que ele esteja suscetível a ataques diversos e mesmo assassinado.

Outra causa bastante recorrente na luta antifascista e que o autor aborda em seu livro é a “defesa da cultura”. Esse assunto já foi exaustivamente estudado. No contexto latino-americano, destacamos o trabalho da historiadora Ângela Meirelles de Oliveira que analisa o antifascismo no Cone Sul a partir da AIAPE Argentina e do Uruguai. Segundo a autora, o lema de defesa da cultura “derivava do entendimento de que o intelectual era, ao mesmo tempo, detentor e produtor da cultura”⁴⁶. Ainda segundo ela, esse entendimento fez com que muitos intelectuais se sentissem responsáveis por preservar e proteger o patrimônio cultural. Córdova Iturburu dedicou um capítulo de seu relato ao assunto, iniciando com uma história que lhe foi contada sobre um bombardeio ao Museu do Prado em meados de novembro de 1936, onde estavam diversas obras de Goya. Esse ato teria levado à mobilização de diversas pessoas na tentativa de proteger o patrimônio cultural⁴⁷. O autor também relata diversos outros

⁴⁴ Ibid., 283-284.

⁴⁵ Ibid., 284.

⁴⁶ Ângela Meirelles de Oliveira, *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*, São Paulo, Alameda, 2015, 116.

⁴⁷ Iturburu, op. cit., 52.

casos nos quais brigadistas e trabalhadores ajudaram a salvar um patrimônio cultural composto por pinturas, livros e obras de arte em geral⁴⁸.

Apesar de toda exaltação das ações dos antifascistas, Córdova Iturburu também ressalta as dificuldades de se estar na guerra. O autor narra a sua experiência na trincheira, onde um odor terrível de cadáveres apodrecendo a quase um mês era sentido: “por las troneras del parapeto alcance a divisar algunos cadáveres de soldados aplastados contra la tierra, casi reintegrados a la tierra, formando una sola cosa con la tierra”⁴⁹. O escritor conta que à noite os soldados republicanos iam até os corpos para cobri-los e empurrá-los até uma fossa.

A rotina na frente de batalha era dura. O livro traz relatos sobre a dificuldade de dormir, sobre os perigos de ir buscar alimentação, já que, ao fazer isso, o sujeito poderia levar um tiro a qualquer momento. Ir ao rio se lavar ou pegar água era, segundo o escritor argentino, ainda mais perigoso, pois os inimigos conseguiam avistar qualquer um que passasse a quinze ou vinte metros do caminho. Mesmo assim, quase todos os soldados iam pelo menos uma vez ao dia ao rio⁵⁰. Isso, além de demonstrar um pouco da rotina das Brigadas também serve para exaltar a coragem dos combatentes como colocado por Córdova Iturburu que conclui: “Esto es la guerra – pienso – Este heroísmo, esta incomodidad, este sacrificio de todos los momentos. Este mal dormir. Este mal comer. Este mal vivir”⁵¹.

Nas localidades urbanas, onde estavam os civis, o perigo também era evidente. São diversas as passagens nas quais o autor relata as brutalidades que testemunhou nas cidades por onde esteve. O risco permanente de morte se manifestava por meio dos constantes encontros com cadáveres: “He visto innumerables cadáveres. He visto sacar de entre los escombros de una casa bombardeada el cadáver de un obrero. De los pies a la cabeza estaba blanco de cal, blanco como si lo hubieran sumergido en una bolsa de harina”⁵². A crueldade também se manifestava por meio da violência que não distinguia as suas vítimas. Córdova Iturburu narra uma passagem na qual destacou a beleza das cantigas cantadas por crianças espanholas em suas brincadeiras e, em seguida, diz que na praça *Colón* em Madri, onde um grupo de crianças brincavam cantando, uma granada foi lançada de maneira inesperada acarretando em enorme crueldade. Da mesma forma, nas ruas próximas à praça, outras granadas foram lançadas em vários lugares, mesmo dentro de algumas residências, deixando um rastro de inúmeros feridos e mortos⁵³. O autor também retratou a constante presença da morte na Espanha naquele momento no poema *Divertissement más o menos sombrío o un fusilamiento cada nueve minutos*:

Ya no cabalgan en el viento las alegres banderas.
Ni hay alegres banderas para el alegre viento.
Sólo hay cadáveres, cadáveres, cadáveres.
Una montaña de cadáveres en campos de cadáveres.
Multilados cadáveres tristes, cadáveres olvidados
recordados cadáveres helados abandonados cadáveres
[solitarios
pobres cadáveres suicios haraposos cadáveres desgarrados...⁵⁴

⁴⁸ Ibid., 57-59.

⁴⁹ Ibid., 60.

⁵⁰ Ibid., 64.

⁵¹ Ibid., 65.

⁵² Ibid., 15.

⁵³ Ibid., 43-44.

⁵⁴ Cayetano Córdova Iturburu, *Divertissement más o menos sombrío o un fusilamiento cada nueve minutos*, In: *El viento en la bandera*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1945. P. 74

Chama atenção o maior capítulo de *España bajo el comando del pueblo* ser baseado não apenas nas observações do autor, mas também em conversas e leituras de periódicos espanhóis, Córdova Iturburu remonta, assim, brevemente, a história da segunda república espanhola, destacando as campanhas de alfabetização, as tentativas de reforma agrária e também as reações contra essas medidas por parte de uma elite que temia perder seus privilégios. A análise feita pelo autor buscava, sobretudo, demonstrar a perversidade dos fascistas em relação as medidas bem-intencionadas dos republicanos⁵⁵.

Aparentemente, o livro não conseguiu muita repercussão, não possuindo uma segunda edição nem grandes críticas. Entretanto, foi publicada uma crítica elogiosa na revista da AIAPE uruguaia assinada por J. M. Podestá que reitera a credibilidade do livro que ele define como resultado de observações presenciais feitas por Córdova Iturburu que o qualificava como um defensor da “verdadeira Espanha”⁵⁶. Além de *España bajo el comando del pueblo*, Córdova Iturburu também planejava escrever outro livro sobre a história da Guerra Civil Espanhola vindo a esboçar uma possível divisão de capítulos que ele enumera de 1 a 10 por meio dos quais ele pretendeu trabalhar desde as causas do conflito até uma possível vitória republicana, uma vez que o título do último capítulo seria “o povo invencível”⁵⁷. Possivelmente, a vitória de Franco o fez desistir da ideia, pois o livro nunca foi escrito. O seu posicionamento com relação a fala de Indalecio Prieto, representante do governo republicano espanhol que visitou a América Latina no final da Guerra Civil, aponta para a nossa afirmativa. Prieto discursou com tom conciliador pedindo para que ajudassem com a reconstrução da Espanha independentemente de quem saísse vencedor do conflito. Córdova Iturburu, entretanto, ressalta que nem ele nem nenhum outro antifascista estaria disposto a levantar sequer um dedo para ajudar a Espanha a se reerguer caso o vencedor fosse Franco, pois, “Al obrar así cumplimos con el sagrado deber humano de minar las bases del fascismo y preparar el advenimiento de días mejores para el hombre víctima de sus desmanes”⁵⁸.

II Congresso de Intelectuais para a Defesa da Cultura

Um dos momentos mais destacados da participação dos intelectuais na Guerra Civil Espanhola foi a realização do II Congresso de Intelectuais para a Defesa da Cultura, que foi realizado entre os dias 4 e 17 de julho de 1937 nas cidades de Valência, Madri, Barcelona, e sendo finalizado em Paris. A obra organizada por Manuel Aznar Soler e Luis Mario Schneider, dividida em 3 volumes é a principal referência sobre esse congresso, os autores tratam a inteligência e a sua relação com a Guerra Civil Espanhola no primeiro volume. O segundo volume, por sua vez, é voltado para a literatura e o antifascismo no país e o terceiro volume apresenta uma compilação de atas, documentos, apresentações e testemunhos feitos pelos intelectuais durante o congresso⁵⁹. Ângela Meirelles de Oliveira aborda brevemente a participação dos intelectuais latino-americanos nesse congresso, dando destaque para a delegação argentina, principalmente para as falas de Raúl González Tuñón⁶⁰.

⁵⁵ Ibid., 123-160.

⁵⁶ José María Podestá, “España bajo el comando del pueblo” [crítica], *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 2, nº 22, diciembre de 1938.

⁵⁷ Cayetano Córdova Iturburu, Breve historia de la guerra de España, disponível em Fondo de archivo Cayetano Córdova Iturburu, in, *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI)*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, nº 675, s/f.

⁵⁸ Cayetano Córdova Iturburu, El discurso de Don Indalecio Prieto, disponível em Fondo de archivo Cayetano Córdova Iturburu, in, *Centro de Documentación e Investigación de las Culturas de Izquierda (CeDInCI)*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, nº 667, 1939, n/p.

⁵⁹ Manuel Aznar Soler y Luis Mario Schneider, *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937), Valencia, Generalitat Valenciana, 1987*.

⁶⁰ Oliveira, op. cit. 205-212.

Cayetano Córdova Iturburu apresentou-se no dia 6 de julho em Madri. Em sua fala, o escritor relatou a sua vivência da guerra até aquele momento, ressaltando o heroísmo dos republicanos, assim como seus feitos. Também tratou de alguns assuntos referentes à defesa da cultura, como os ataques ao Museu do Prado e a Universidade de Alcalá, pautas que foram retomadas posteriormente em *España bajo el comando del pueblo*. A partir disso ele afirmou que: “El enemigo, los que están a su lado, van contra la cultura y representan la barbarie y la destrucción; a nuestro lado están los defensores de la civilización y de la cultura”⁶¹. Destaca-se em sua apresentação a proposição da delegação argentina de um projeto visando a defesa da cultura. A proposta era composta por cinco pontos: 1) que era dever de escritores de todo o mundo se posicionar em favor do governo republicano espanhol contra os ataques do fascismo internacional; 2) os escritores deveriam ajudar na organização de movimentos de apoio à Espanha em seus respectivos países; 3) os escritores também deveriam exigir dos governos de seus países apoio ao governo de Espanha; 4) era um dever dos escritores divulgar os acontecimentos da guerra, assim como o sofrimento e heroísmo do povo espanhol; 5) por fim, o autor afirma que aquele escritor que não agisse dessa maneira estaria não apenas “traíndo os interesses da cultura”, como também, demonstrando que não possui solidariedade ou senso humanitário⁶².

Essa fala propositiva de Córdova Iturburu era indicativa da maneira como esses escritores argentinos viam o conflito e da importância que atribuíam ao papel do intelectual na guerra. Chamamos atenção para o quarto ponto, no qual o escritor de fato seguiu quando publicou o seu livro *España bajo el comando del pueblo* no ano seguinte ao congresso. Essa posição do autor também dizia respeito ao que defendia a AIAPE, que via no fascismo uma ameaça a cultura e a humanidade como um todo.

Considerações finais

A viagem de Cayetano Córdova Iturburu à Espanha foi um dos ápices da trajetória política do escritor argentino. Os seus relatos compilados em livro tinham como por principal função divulgar os horrores da Guerra Civil Espanhola, assim como o heroísmo dos soldados republicanos que ali estavam lutando. O autor também buscou, por meio de seus escritos, angariar ajuda para os antifascistas espanhóis.

Os relatos de viagem têm a capacidade, ou pelo menos a intenção, de gerar empatia, como bem destacou Kátia Baggio⁶³. Essa característica pode ser notada nesse gênero narrativo desde a antiguidade, como em Luciano de Samósata, por exemplo. O escritor dá uma série de detalhes sobre uma viagem que teria feito à lua, onde diz ter visto homens que engravidavam pela panturrilha e pessoas com olhos que podiam ser retirados quando não quisessem ver algo. Segundo ele, entre os pobres a ocorrência de perda desses olhos era frequente e, por isso, geralmente pegavam os olhos do outro emprestado⁶⁴. Essa figura de linguagem caracteriza bem os relatos de viagem, na qual o leitor, muitas vezes impossibilitado de presenciar determinados locais e acontecimentos, “pega emprestada” a visão do autor do relato.

A Espanha, retratada nos relatos de Córdova Iturburu, é um país onde os sentimentos se misturam: a esperança da vitória antifascista caminha ao lado da morte iminente; a dor e o sofrimento de tantas perdas ficam frente a frente com a solidariedade e empatia recebidas de tantos lugares. Porém, é inevitável não se comover com os acontecimentos vivenciados naquela guerra. Assim, o escritor sintetiza a sua passagem pelo país de forma a expressar o sentimento que o conflito gerava em quem fosse até a Espanha vítima da guerra e do fascismo: “Se entra a España con la garganta apretada y los ojos nublados.

⁶¹ Iturburu, op. cit. 74.

⁶² Ibid., 78.

⁶³ Baggio, op. cit.

⁶⁴ Luciano Samósata, “Relatos Verídicos”, Luciano Samósata, *Obras. Volumen IV*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007, 24.

Con los ojos nublados y la garganta apretada se atraviesa España. Y con la garganta apretada y los ojos nublados se abandona España⁶⁵.

Apesar dessa carga dramática do conflito, Córdoba Iturburu finaliza seu livro de uma forma otimista. O capítulo intitulado *La flor en el cañon de los fusiles* trata da beleza dos poemas inspirados e cantados no conflito. O escritor reafirma a sua fé na vitória republicana e destaca a importância dos poemas no conflito como uma das representações da força espanhola, pois, ainda que a Espanha estivesse destruída “nadie podrá vencerla - ¡nadie! – porque trabaja y lucha con la misma alegría vital y fervorosa con que canta”⁶⁶.

Os relatos de Córdoba Iturburu reforçam o peso que o conflito espanhol teve no movimento antifascista argentino. O escritor entendia essa guerra como momento chave para a vitória contra o fascismo. Sentimentos como medo e esperança ficam explícitos nos escritos que demonstram os horrores daquela guerra, mas também a coragem dos combatentes republicanos que estavam dispostos a colocar suas vidas em perigo para tentar impedir o avanço fascista. Assim, não é exagero concluir que a Guerra Civil Espanhola é um dos fatores centrais para o entendimento do movimento antifascista argentino, pois mobilizou diversas classes sociais⁶⁷ e pautou muitos dos debates sobre o antifascismo.

Referências:

Adrián Celentano, Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista, *Literatura y lingüística*, nº 17, 2006, 195-218.

Adriana Petra. *Intelectuales y cultura comunista. Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

Adriana Petra. Revolução e Guerra. Formas de compromisso e trajetórias intelectuais na conformação de um espaço cultural comunista na Argentina (1920-1935). *Persen*, nº 9, ano 7, 2013, 11-45.

Ângela Meirelles de Oliveira, *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*, São Paulo, Alameda, 2015.

Antonio Machado, Consejos, sentencias y donaires de Juan Mairena y de su maestro Abel Martin, *Hora de España*, nº1, enero de 1937, 7-12.

Antony Beevor, *La Guerra Civil Española*, Barcelona, Critica, 2005.

Cayetano Córdoba Iturburu, Adiós a Gerda Taro, *Unidad por la defensa de la cultura*, año 2, nº 2, septiembre de 1937.

Cayetano Córdoba Iturburu, Arte, arte puro, arte propaganda..., *Contra: la revista de los francotiradores*. Buenos Aires, año 1, nº 4, agosto de 1933.

Cayetano Córdoba Iturburu, Breve história de la guerra de España, disponível em Fondo de archivo Cayetano Córdoba Iturburu, in, *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI)*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, nº 675, s/f.

Cayetano Córdoba Iturburu, *Cuatro perfiles y otras notas*, Buenos Aires, Editorial Problemas, 1941.

⁶⁵ Iturburu, op. cit. 14.

⁶⁶ Ibid., 183.

⁶⁷ Algumas das fichas de filiação nas Brigadas Internacionais disponíveis para consulta no Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI), mostram o perfil bastante variado dos interessados que iam desde operários a trabalhadores mais especializados.

Cayetano Córdova Iturburu, “Discurso”, Manuel Aznar Soler y Luis Mario Schneider (eds.), *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937): actas, ponencias, documentos y testimonios*, València, Generalitat Valenciana, 1987, 73-78.

Cayetano Córdova Iturburu, Divertissement más o menos sombrío o un fusilamiento cada nueve minutos, In: *El viento en la bandera*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1945.

Cayetano Córdova Iturburu, *El árbol, el pájaro y la fuente*, Buenos Aires, Atlántida, 1954.

Cayetano Córdova Iturburu, El discurso de Don Indalecio Prieto, disponible en Fondo de archivo Cayetano Córdova Iturburu, in, *Centro de Documentación e Investigación de las Culturas de Izquierda (CeDIInCI)*, originales mecanografiados Guerra Civil Española, carpeta 1, n° 667, 1939, n/p.

Cayetano Córdova Iturburu, *España bajo el comando del pueblo*, Buenos Aires, Ediciones Foare, 1938.

Cayetano Córdova Iturburu, La crueldad inútil, *Unidad por la defensa de la cultura*, año 2, n° 3-4, octubre-noviembre de 1937.

Cayetano Córdova Iturburu, La lección sobre la terra, *Unidad por la defensa de la cultura*, año 2, n° 5, enero de 1938.

Esther Cortada Andreu, *Escuela mixta y coeducación en Cataluña durante la 2ª República*, Madrid, Instituto de la Mujer, 1988.

François Sirinelli, “Os intelectuais”, René Rémond (Org.) *Por uma história política*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ e FGV, 1996, 231-269.

Glenn Hooper and Tim Youngs, “Introduction”, Glenn Hooper and Tim Youngs (eds.), *Perspectives on travel writing, England*, Ashgate, 2004, 1-11.

Horacio Tarcus (dir.), *Diccionario biográfico de la izquierda argentina. De los anarquistas a la “nueva izquierda” 1870-1976*, Buenos Aires, Emecé, 2007.

Ivan Matucci Forneron, “Julia Miranda. Frenética Armonía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española”, *Caracol*, n° 14, jul./dez., São Paulo, 2017, 440-454.

Jacques Delperrie de Bayac, *Las brigadas internacionales*, Madrid, Ediciones Jucar, 1980.

James Cane, ““Unity for the Defense of Culture”: The AIAPE and the Cultural Politics of Argentine Antifascism, 1935-1943”, *The Hispanic American Historical Review*, n° 3, v. 77, 1997, 443-482.

Jan Borm, “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology”, Glenn Hooper and Tim Youngs (eds) *Perspectives on travel writing, England*, Ashgate, 2004, 13-26.

Jorge Luis Borges. Arte, arte puro, arte propaganda... *Contra: la revista de los francotiradores*. Buenos Aires, año 1, n° 3, julio de 1933.

José Bergamín, Discurso no II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura, [Valencia 4 de julio de 1937], *Hora de España*, n° 8, agosto de 1937, 30-36.

José María Podestá, “España bajo el comando del pueblo” [crítica], *ALAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 2, n° 22, diciembre de 1938.

Julia Miranda, *Frenética armonía. Vanguardias poéticas latinoamericanas en la Guerra Civil Española*, Rosario, Beatriz Viterbo, 2016.

Kátia Gerab Baggio, “Dos trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX”, *História Revista*, n° 2, v.13, Goiânia, 2008, 425-445.

Luciano de Samósata, “Relatos Verídicos”, Luciano de Samósata, *Obras. Volumen IV*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007, 3-61.

Luis Mario Schneider, *II Congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937) inteligencia y guerra civil española*, València, Generalitat Valenciana, 1987.

Manuel Aznar Soler y Luis Mario Schneider, *II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937)*, Valencia, Generalitat Valenciana, 1987.

Marcos Napolitano, A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica, *Temáticas*. Campinas, nº 37/38, p. 25-56, jan./dez. 2011, 33.

Mary Anne Junqueira, “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador”, Mary Anne Junqueira e Stella Maris S. Franco (orgs.), *Cadernos de seminários de pesquisa volume II*, São Paulo, Humanitas, 2011, 44-61.

Ricardo Pasolini, Scribere in eos qui possunt proscribere. Consideraciones sobre intelectuales y prensa antifascista en Buenos Aires y Paris durante el período de entreguerras, *Prismas, Revista de história intelectual*, nº 12, 2008, 87-108.

Vicente Huidobro, et al., *Madre España*, Santiago, Panorama, 1936.